

## 25 ABRIL | 47 ANOS

Faz hoje 47 anos que Portugal e os portugueses despertaram do pesadelo de 40 anos de escravidão e deram hossanas ao raiar da liberdade trazida em cano de espingarda engalanado em que as balas eram cravos ou na comunhão de um apertado abraço entre soldados, marinheiros e povo.

**“Esta é a madrugada que eu esperava. O dia inteiro e limpo onde emergimos da noite e do silêncio”** – Assim caracterizou Sofia de Mello Breyner o nascer de um tempo novo ao raiar de um novo dia.

Os tiranos fugiram, uns. Partiram para exílio dourado, outros!

As portas das prisões abriram-se.

As amarras da mordaza soltaram-se.

O povo saiu à rua. E o país democrático, dos direitos e dos deveres, aprendia a dar os primeiros passos.

Portugal impunha-se ao Mundo. Credibilizava-se concerto das nações e como num golpe de mágica, entrava no clube dos países da então CEE, conduzido por essa monumental referência da defesa do Homem e dos seus direitos, que foi Mário Soares.

Ao mesmo tempo, os nossos, que por essa Europa verteram lágrimas de sangue na busca da liberdade ou de uma vida melhor, livravam-se dos passadores que mor das vezes, deixaram abandonados à sua sorte nas montanhas geladas dos Pirenéus.

Como corolário de tanta mudança e conquistas, os jovens de Portugal respiravam de alívio por viverem os verdes anos de adolescência sem a ameaça da mobilização para as guerras inúteis de África donde tantos, aos milhares, regressaram embalados em **“caixas de pinho”**.

Os jovens de hoje que se queixam de tudo lhes faltar mesmo quando nada lhes falte e têm a vida que sonham ao alcance das suas mãos, precisam de saber que a liberdade que hoje disfrutam foi conquistada com sangue, suor e muitas lágrimas!

Como têm de saber, também, que este país pequenino foi atirado pelos tiranos opressores para três frentes de guerra que mais não foram que fábricas de dor e sofrimento traduzido no grito lancinante de mães a quem roubaram os filhos, de esposas que ainda hoje carregam o luto de tão prolongada viuvez, de órfãos desamparados, de donzelas traídas pelo aerograma que deixou de comparecer na caixa do correio e foi substituído pela nota informativa da propaganda e que não mais continha que a frieza e crueldade da mensagem **“desaparecido em combate”**.

**Menina de lenço preto  
O que tanto a faz chorar  
O soldadinho não volta  
Do outro lado do mar**

## CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Assim cantava o trovador/poeta e era deste trágico cantar que se fazia o dia a dia dos portugueses!

Naquela manhã gloriosa de abril a loucura do Império chegou ao fim. Portugal foi posto nas mãos dos portugueses. Virou-se finalmente pra si, para a Europa a que havia virado costas, cumprindo-se a profética visão traduzida na pessoana mensagem **“Senhor cumpriu-se o mar. Falta cumprir-se Portugal”**.

Cumprir Portugal é o estádio em que hoje nos encontramos. E é desígnio que não dispensa o esforço e participação de todos. Da política, da ciência, da escola, do empreendedorismo, do mundo laboral, da crítica construtiva e da vontade de ser e singrar que são os ingredientes com que se constrói a prosperidade de um país e a felicidade dos povos.

Dispensável, ou de fora, ficam os que confundem justiça com ímpeto justiceiro, os profissionais da má-língua, os que atentam contra o carácter de gente de bem, os que lincham inocentes na praça pública, ou os abutres que enxameiam as redes sociais em que se destila raiva, pestilência e ódio, num português falado ou escrito de fazer Camões dar voltas no túmulo!

A democracia, que um dos maiores vultos da história definiu como **“o pior dos regimes à exceção dos demais”**, é uma construção complexa que exige educação, formação moral e, acima de tudo, muita aprendizagem e saber. Será isto que nos estará a faltar e atira tantos para a atração das redes sociais, para o cruzar de braços, para a resignação, para o desatino de verem no Estado o vilão que sempre lhes foge mesmo quando é presença diária nas suas vidas.

Hoje, mais que nunca, a democracia está ameaçada por populismos e fervores reacionários que ao longo destes 47 anos estiveram escondidos e que agora parecem ressurgir.

É verdade que na democracia cabem todos. Até aqueles que a ultrajam ou pontapeiam como os desventurados Venturas que, de repente, se instalaram entre nós e que até parece terem seguidores. Ora, se eles têm o direito a existir, a nós cabe o dever das melhores escolhas. E saber escolher é honrar a memória dos que lutaram para que a escolha se faça.

Uma das conquistas maiores de abril foi a consagração do poder local e a outorga às populações da tarefa da em construção do seu futuro.

Esta profunda alteração político-administrativa foi o tiro de partida para uma nova forma de envolvimento e participação dos cidadãos e para a responsabilização individual e coletiva.

O país sem escolas, sem estradas, sem água ao domicílio, sem eletricidade, sem televisão, saneamento básico, viu-se, de repente, ainda que timidamente, a aventurar-se rumo ao progresso e ao bem-estar social de que hoje sobejam exemplos.

As infraestruturas básicas, aquelas que dão músculo às estatísticas e conferem qualidade de vida aos cidadãos, são marca do poder local democrático.

E por mais rótulos ideológicos que ousem colar-lhe, o êxito incomensurável que se lhe reconhece é o espelho do carácter, da audácia, do querer e criatividade dos autarcas de Câmara ou de freguesia que, ao longo destes 47 anos, fizeram o país que somos.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Eis, porque este é também o dia de prestar homenagem aos muitos que no concelho de Montalegre deram corpo e alma à causa do poder local hoje tão ultrajado e que se vê torpedeado por tantos dos que se posicionam para abraçá-lo sem que se deem conta da incoerência ou da indignidade que lhes tolda o espírito e enche a alma ou da triste figura que fazem!

O poder local exercita-se no envolvimento que cada um possa dar à causa da cidadania. Quem pensa que sobe a escadaria do poder sem que antes haja feito tirocínio nas causas sociais ou culturais em que as sociedades assentam está no caminho errado e a si próprio se engana.

No nosso sistema constitucional ninguém nasce fadado pra ser “**querido líder**”. E os que passaram a vida confinados à sua zona de conforto não podem depois ousar apresentar-se como salvação do que quer que seja.

As causas fraturantes que promovem, o divisionismo, que semeiam, a ameaça persecutória que lhe enche a alma é a espada que paira sobre as suas cabeças. É que no Portugal democrático, culto e responsável, ninguém se afirma pela negativa, pelo bota-abaxismo e muito menos pela difamação e calúnia que são a arma dos fracos.

Esta é a grande lição que uma democracia de gente esclarecida tem pra dar aos atrevidos que a desprezam e aniquilam. Em pensamento e ação. Liberdade não é libertinagem. E a responsabilidade e sentido do dever não podem confundir-se com quaisquer tipo de vaidades ou aventureirismos.

Hoje é dia de festa. De botar gravata e vestir o melhor fato. De sair prá rua, ouvir a banda e botar foguetório. E ostentar na lapela do casaco o cravo vermelho, símbolo da liberdade. Ter vergonha em fazê-lo é pretensiosismo balofo. É primitivismo. É não perceber que a liberdade, enquanto valor intrínseco à vida, não tem cor, como não pode ter conotação partidária. Nasce connosco e é património imaterial de todos nós pelo que, pôr o cravo ao peito, é assumirmo-nos como continuadores de abril e dos valores que encerra e pelos quais tantos deram a vida.

Montalegre tem na sua história um leque alargado de homens e mulheres que lutaram pra que o 25 de abril fosse possível. Homens como os Justinos, o velho e o novo, o Lopes alfaiate, o Maximino sapateiro, o Aníbal de Lamachã, o Feliciano Rodrigues, o Artur carteiro, o ainda tão presente Leonardo e os que como, o Dr. Diogo e o prof<sup>o</sup> Esteves estiveram na origem da fundação dos partidos merecem também ser justamente lembrados. Como lembrado tem de ser o jovem Fernando Carvalho Gesteira, da Borralha, que no fulgor dos seus 17 anos foi vítima dos últimos disparos da PIDE quando o estertor da vitória se fazia ouvir já por todo o lado.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Mas o maior de todos é, reconhecamo-lo, Bento Gonçalves. Natural de Fiães do Rio, a ele temos destinado um monumento que seja à altura da sua grandeza moral e humana que inauguraremos nas comemorações dos 50 anos da Revolução. Deu a vida por nós, e pela liberdade que nunca viveu, sucumbindo às agruras do campo de concentração do Tarrafal para onde os algozes do Estado Novo o haviam desterrado.

Ele que sendo, no dizer do poeta Pablo Neruda, "**o português mais puro, a honra do mar e da areia de Portugal**", é vergonhosamente, seja por ignorância, seja por preconceito, absolutamente ignorado entre nós.

Graças a ele, ao seu exemplo e espírito combativo, podemos hoje dizer: "**A liberdade passou aqui!**"

Sim, Barroso teve participação direta no nascimento da liberdade.

E porque a liberdade é bem comum, é património universal, é conquista feita pelo muito sangue derramado, defendê-la é pôr a nossa boca nos versos do imortal poeta Ary dos Santos e com ele dizer bem alto:

**"Agora ninguém mais cerra as portas que abril abriu!"**.

Montalegre, 25 abril 2021



○ Presidente da Câmara  
**Manuel Orlando Fernandes Alves**